

A opressão é uma via de mão dupla em *Corações sujos*, de Fernando Morais (2000)

Clara Fachini Zanirato

Ohio State University

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar como atos de repressão perpetrados tanto pela sociedade brasileira como pela japonesa influenciaram a abertura tardia das colônias de imigrantes para integração ao Brasil. Através da leitura da obra *Corações sujos* (Fernando Morais, 2000) eu analisarei como o período pós-Segunda Guerra Mundial foi crucial para a formação da identidade desses sujeitos no país. *Corações sujos* é um texto de cunho documental que reporta a discriminação que a colônia japonesa sofreu no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, originando o grupo “terrorista”¹ Shindo-Renmei. Focarei em como os sentimentos de xenofobia já presente entre a população brasileira e japonesa explodiram e obtiveram legalidade para se manifestar após o envolvimento do Japão com o Eixo. Para tal, tomarei somente o episódio da bandeira da obra para ilustrar os abusos contra as comunidades japonesas. Provarei que a abertura tardia do círculo japonês compreendeu opressões hierárquicas internas e externas.

Palavras-chave: Shindo-Renmei, imigração, violência, Japão, Brasil

Introdução

O fim da Segunda Guerra Mundial teve consequências devastadoras para todos os países envolvidos, tanto do Eixo quanto dos Aliados. Porém, podemos afirmar que as repercussões foram particularmente significantes para o Japão,² tanto para os cidadãos do país em si, quanto para seus migrantes espalhados pela diáspora. Tais repercussões são observadas especialmente com os isseis³ estabelecidos nas Américas. Os efeitos da guerra pareceram extremamente suspeitos uma vez que, num período de dois mil e

1 Optei por usar essa terminologia pois a Shindo-Renmei já foi classificada desta maneira.

Entretanto os atos cometidos pelo grupo eram “justificáveis” dentro da tradição samurai japonesa de se pagar desonra com sangue. No Brasil, os participantes da Shindo eram julgados pela sociedade brasileira, que condenava veementemente a ação.

2 Além das bombas nucleares lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, houve também a questão da perda da região da Manchúria e da Coréia. No campo moral, a perda da guerra significou muito mais: o imperador Hiroito reconheceu publicamente a rendição do país (coisa que jamais havia acontecido), e se declarou humano, ou seja, se desvencilhou da sua condição divina (quebrando um conceito milenar na cultura japonesa), e o país se viu humilhado com a perda da sua primeira guerra em 2.600 anos.

3 Imigrantes de primeira geração, nascidos no Japão.

seiscentos⁴ anos, o Japão nunca havia perdido uma guerra.

A informação de que o Japão havia se rendido foi recebida com muita desconfiança em vários países da América Latina (Masterson), principalmente no Brasil onde, no interior do estado de São Paulo, alguns japoneses que já tinham uma pequena comunidade estabelecida na cidade de Tupã ficaram inconformados e resolveram criar uma associação chamada Shindo-Renmei (Liga do Caminho dos Súditos). Para eles, a notícia da rendição era uma fraude, uma propaganda dos Aliados para quebrar o orgulho japonês no mundo. Deste modo, a colônia japonesa no Brasil passa a se dividir em dois grupos: os *kachigumi*, os vitoristas, os que acreditavam na vitória do Japão; e os *makegumi*, os derrotistas, “corações sujos”, que já haviam se assimilado à sociedade brasileira e acreditavam na rendição do país (Rinaldi).

A Shindo-Renmei, assim, passa a ser um órgão de limpeza social e ideológica dentro da colônia japonesa, contra os traidores da pátria, os “assimilados”. De acordo com Esmeralda Simões Martinez, a assimilação do outro era necessária no período colonial entre os indígenas e os escravos. Todos os que conseguirem seguir as mesmas regras dos portugueses, falar a mesma língua e se “portar” de uma certa maneira teriam uma abertura maior na sociedade do que aqueles que queriam preservar suas próprias culturas. De acordo com a mesma:

O assimilar é também uma forma de negação, porque transmite a ideia de que o que o “Outro” tem não presta, está fora do padrão. Sendo assim, para que ele possa crescer, no caso dos indígenas, dever-se-ia “civilizar”. É preciso assimilar os costumes dos que se julgam superiores, evidenciando, assim, toda a carga de racismo que marcou todo o processo colonial. (Simões Martinez 63)

Um processo semelhante passava-se com os imigrantes ao chegarem ao Brasil. Estes deveriam aprender português e organizarem-se de acordo com o sistema social brasileiro. Ngũgĩ wa Thiong’o afirma em sua obra *Decolonizing the Mind*: “Language carries culture, and culture carries, particularly through orature and literature, the entire body of values by which we come to perceive ourselves and our place in the world” (16). Assimilar-se, especialmente na cultura japonesa, constituía uma negação do seu ser e da sua pátria. A assimilação era considerada uma forma de traição à pátria japonesa e deveria ser reprimida com o derramar de sangue.

Segundo o texto de Fernando Morais, os samurais da Shindo-Renmei estavam destinados a eliminar a “mentira” que sujava o orgulho japonês. Assim, o grupo começa a perseguir os “corações sujos”, ou seja, os que foram acusados de traição à pátria por acreditar e proclamar a derrota do Japão. Batalhões de

4 Informação da contracapa do livro *Corações sujos*.

tokkotai, os guerreiros da Shindo, percorreram São Paulo cometendo atentados que levaram à morte de vinte e três imigrantes.⁵ Em um ano, o DOPS prendeu mais de trinta mil suspeitos que cometeram os crimes da seita, e mais de trezentos e oitenta foram condenados à prisão. O presidente da República, Getúlio Vargas, decreta em 1947 a deportação dos oitenta dirigentes e justiceiros da Shindo-Renmei, acabando com a seita nacionalista que aterrorizou a colônia japonesa no Brasil.

Por ser um órgão de limpeza social e ser usado para infligir medo nos cidadãos japoneses, a Shindo-Renmei também funciona como órgão de opressão dentro do círculo interno do grupo de imigrantes. O cidadão que contribuísse com o governo brasileiro (em qualquer instância) era considerado traidor do Japão e deveria ser eliminado. Deste modo, os grupos de imigrantes foram compelidos a permanecerem dentro de seu próprio nicho pelo medo de serem rechaçados de sua própria comunidade e, também, pelo medo da opressão que sofriam pela sociedade brasileira.

Batalhas identitárias: nikkeis⁶ e não-nikkeis

Como grupos de imigração fechados (só permitidos a imigrarem em grupos familiares), no início do século XX, os japoneses (por ordem do imperador) haviam saído de seu país a fim de trabalharem, juntarem algum dinheiro e voltarem para seu país para estabelecer um negócio (Masterson).⁷ Em 18 de junho de 1908, o navio *Kasato-Maru* aportou no porto de Santos no Brasil, trazendo a bordo os primeiros imigrantes japoneses que vieram para lavrar a terra das fazendas de café, majoritariamente. Mais tarde, esses sujeitos começaram a fugir dos cafezais para estabelecerem comunidades próprias e fechadas no interior paulista.

Essa migração não foi um processo de assimilação fácil, fazendo com que vários grupos passassem por violentos episódios de xenofobia contra seus costumes, línguas, tradições e aparência (Rinaldi), o que os levou a constituírem comunidades fechadas e isoladas. Especialmente durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, esses grupos que já eram vistos com maus olhos foram severamente oprimidos devido à legalidade que a sociedade brasileira (não nikkei) obteve para maltratar o “outro”. A autora Teresa Rinaldi analisa a mesma cena no filme *Corações sújos* (2011) (adaptação não-documental de Vicente Amorim)⁸ e afirma que a maneira como a opressão foi usada pela Shindo Renmei:

5 É interessante notar que a terminologia que eles escolhem para se definir é a mesma que foi destinada aos pilotos kamikaze da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, os pilotos partiam em missões suicidas contra outros militares, enquanto os tokkotai do Brasil agiam contra civis.

6 Terminologia para designar qualquer japonês ou descendente que vive fora do Japão.

7 A comunidade japonesa no Brasil constitui o maior grupo nikkei no mundo: aproximadamente um 1,5 milhões de nikkeis, informação do site NikkeyPedia.

8 O diretor Vincent Amorin adapta a história do episódio da bandeira para o cinema no

allows one to see how violence is an instrument for the search for answers in the identity dilemma and the expression of Japanese mentality in Brazil... The constant daily battle on the work front, the cultural differences, and the identity problems to which Japanese were exposed to for many years before the war in Brazil have to be taken into consideration as triggers of which later were acts of violence. (117-18)

Assim, o estabelecimento desses sujeitos na sociedade brasileira foi uma batalha de identidade que compreendeu atos de violência internos e externos aos grupos.

Com este cenário em mente, o jornalista e autor Fernando Morais decidiu recontar a “mais sangrenta página da história da imigração japonesa” (Morais, contracapa). Após uma extensa pesquisa em arquivos nacionais e municipais, bibliotecas, museus, prefeituras e memoriais (Morais 339), Morais usa o episódio histórico da bandeira como a espinha dorsal que levou à criação da Shindo-Renmei no Brasil e, também, discorre sobre suas consequências para a sociedade nipo-brasileira.

Hierarquias de violência e opressão: o episódio da bandeira

Para ilustrar a xenofobia e opressão sistêmica sofridas por esse grupo, escolhi focar no episódio da bandeira do texto de Fernando Morais. De acordo com Slavoj Žižek, a violência sistêmica está enraizada nas maneiras de convívio da sociedade (17). No caso do período analisado (1946-1947), as formas de opressões sobre os japoneses foram paulatinamente legalizadas a maneira que o medo da população brasileira era manipulado contra esse grupo por meio da criação de lei e sanções e da divulgação de propaganda anti-Eixo.⁹ Esses elementos nikkeis começaram a ser considerados ameaçadores porque se entendia que esses japoneses iriam fornecer informações preciosas para os países do Eixo, colocando assim o Brasil “em perigo”. Deste modo, esse efeito de medo possivelmente impulsionou outros (não nikkeis) a cometerem crimes contra a sociedade japonesa.

A prática da xenofobia que levou esses japoneses a serem desrespeitados está intimamente está entrelaçada ao ideal de constituição de nação. Após a abolição da escravatura em 1888, era preciso que se substituísse a mão de obra escrava usada nas lavouras de café, especialmente no Sudeste do país (Lesser). Com o incentivo da imigração europeia no país, a ideia de miscigenação racial ganhou

formato de um filme ficcional: *Corações sujos* (2011). No filme, vemos como o personagem Takahashi tem sua vida arruinada por causa da sua associação com a Shindo-Renmei. Na obra de Amorim, vemos a ficcionalização da cena histórica da qual parte o desenrolar do livro de Morais.

9 Vide capítulos 2 e 6 da obra de Fernando Morais.

força para corroborar o branqueamento da nação, uma vez que a maioria dos “imigrantes” tinha sido negros. Jeffrey Lesser explica:

This anxiety led many nineteenth-century elites to embrace a new political and cultural philosophy on race. “Whitening,” as they called it, proposed that the population could be physically transformed from black to white through a combination of intermarriage and immigration policies. “Strong” white “blood” would overwhelm that of “weak” non-whites, and law would prevent the entry of “feeble” races. Immigrants (and others) often accepted and used these categories. Becoming “white” was as important to the newcomers as it was to many citizens. (4)

O governo de Getúlio Vargas dificultou grandemente a convivência entre a colônia japonesa e a sociedade brasileira, impondo sanções aos imigrantes de países do Eixo.¹⁰ Essa política de branqueamento da nação foi, também, abraçada pelo presidente. No governo do Estado Novo, era preciso que se criasse uma ideia do que era ser brasileiro. De acordo com Carlos Haag, o Itamaraty não media esforços para contribuir com a teoria de branqueamento da população, corroborando com a política de imigração de Vargas:

Suas sugestões [de Francisco Campos] quase sempre eram aceitas pelo ministro e se baseavam na seleção dos imigrantes “desejáveis”, que se encaixassem no projeto de “branqueamento” da população brasileira da ditadura Vargas. Negros, japoneses e judeus, assim como idosos e deficientes, não estavam nos padrões estabelecidos e eram recusados como “indesejáveis”. (81)

Deste modo, cria-se uma xenofobia legalizada pelo governo no Estado Novo.

Segundo Ngũgĩ wa Thiong’o: “to control a people’s culture is to control their tools of self-identification in relationship to others” (16). Proibidos de falar sua própria língua, de viver suas tradições, de ter seus negócios, muitos imigrantes sentiram-se perdidos em relação a sua própria identidade. Vários desses japoneses se revoltaram e criaram associações secretas, que serviam como uma forma de reestruturar a sociedade de colônia que havia sido arruinada pelo governo do Estado Novo. Segundo Tomoo Handa, “the major mission of the Shindo-Renmei was to reintegrate the Japanese organization destroyed by

10 Algumas das sanções impostas pelo Estado de São Paulo contra imigrantes do Japão, da Itália e da Alemanha incluíam proibições do tipo: “de cantarem ou tocarem hinos das potências referidas; *do uso do idioma* das mesmas potências, em concentrações, em lugares públicos (cafés etc.); *de se reunirem, ainda que em casas particulares, a título de comemoração de caráter privado*; da disseminação de quaisquer escritos nos idiomas de suas respectivas nações ... Olinto de França Almeida e Sá, major do Exército, superintendente da Segurança Política e Social” (Morais 2000: 45-46).

the war in order to get the Japanese in Brazil back to the real Japanese through emperor worship and the system organized by the Shindo-Renmei” (673). A seguir, veremos como se estruturou o episódio da bandeira registrado no Arquivo da Delegacia de Polícia de Tupã e documentado no livro de Fernando Morais, e como tal acontecimento histórico reflete as violências cometidas contra a colônia japonesa. Também observaremos a reutilização desta força de opressão dentro do nicho nipo-brasileiro e qual foi a contribuição dessa violência para a abertura tardia desse grupo para a sociedade brasileira.

O episódio do texto de Morais ilustra bem a dinâmica interna da colônia japonesa: como o Brasil reprimia e rechaçava imigrantes de países que colaboraram com o Eixo e, também, o medo interno que esses imigrantes sentiam em se abrirem para a sociedade brasileira. Marilena Chauí, na sua palestra “Contra a violência”, explica a hierarquização da opressão:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, a sociedade brasileira é determinada pelo predomínio do espaço privado (ou os interesses econômicos) sobre o público e, tendo o centro na hierarquia familiar, é fortemente hierarquizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. As diferenças e assimetrias são sempre transformadas em desigualdades, que reforçam a relação mando-obediência. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade nem como alteridade. (2013)

A hierarquização no processo de violência sofrido por grupos de indivíduos imigrantes no Brasil é um processo que pode ser observado. Para os fins desta análise e de acordo com o texto de Morais a opressão pode ser dividida e hierarquizada por grupos. Dentro da sociedade brasileira, dentro do grupo de melhor posição hierárquica distinguimos dois grupos: um grupo maior numa posição hierárquica um pouco menos favorecida e outro menor, numa posição ainda mais desfavorecida. O grupo maior (ou a sociedade japonesa imigrante como um todo) recebe as pressões da sociedade brasileira. Ao padecer sob tais opressões, o grupo maior vai, então, redirecionar essa “força” para membros da sua própria comunidade que estão em dissonância com a cultura japonesa (grupo menor). Ou seja, o grupo maior pressiona o grupo menor de indivíduos que passaram a se assimilar à sociedade brasileira, taxando-os de traidores da pátria nipônica e de elementos a serem assim eliminados. Consequentemente, esses imigrantes sofrem violência por não se assimilarem e, ao mesmo tempo, refletem essa violência aos que se assimilaram.

O romance de Fernando Morais inicia com a narração radiofônica da rendição japonesa aos países Aliados. O autor afirma: “Foi como se tivessem

jogado sal na ferida que a rendição, ocorrida em agosto do ano anterior, havia aberto na alma dos japoneses. O temido Exército Imperial do Japão, que em inacreditáveis 2.600 anos de guerras jamais sofrera uma única derrota, tinha sido aniquilado pelos Aliados” (10). Nesta cena, temos um grupo de japoneses comemorando o ano novo do Japão¹¹ que é interrompido por um lavrador brasileiro: “Olha aqui, cambada de bodes¹²: acabou de dar no rádio que o rei de vocês não é Deus merda nenhuma. É gente que nem eu, caga e mijá que nem eu. O Japão perdeu a guerra, vocês agora vão ver quem é que vai botar canga em quem” (Morais 11). Ao afirmar isso, o lavrador de certa maneira “rebaixa” a condição do imperador de sagrado para semelhante a ele. A estrutura social japonesa fora do Japão revolvía em torno da figura sagrada do imperador.¹³ Ao quebrar essa imagem, o lavrador insulta esses imigrantes moralmente e comete uma violência contra a estrutura da sua identidade: se a figura na qual eles baseavam sua identidade fosse defraudada, como, então, deveriam se organizar e se posicionar?

Ann E. Cudd afirma: “oppression is an institutionally structured harm perpetrated on social groups by other groups using direct and indirect material, economic, and psychological force” (21). Essa opressão sistêmica não é necessariamente explícita (Žižek). Veja-se que a manutenção do *status quo* do brasileiro era necessária, uma vez que os grupos de imigrantes simbolizavam ameaças ao bem-estar da nação. Baseando-nos em Walter Benjamin é possível inferir que essa violência perpetrada pelo estado funcionava como forma de manter a ordem. Ou seja, o estado (neste caso, o Estado Novo de Vargas) estava autorizado a cometer atos de violência contra esses grupos para que a ordem do país fosse mantida. Benjamin afirma: “a violência, quando não se encontra nas mãos do direito estabelecido, qualquer que seja este, o ameaça perigosamente, não em razão dos fins que ela quer alcançar, mas por sua mera existência” (127). Então, as ações do estado, e neste caso, do lavrador, eram justificáveis, uma vez que esses grupos ameaçavam o *status quo* da segurança nacional. Ao olharmos novamente para a palestra de Chauí, percebemos que:

As relações, entre os que julgam iguais, são de “parentesco”, isto é, de cumplicidade; e, entre os que são vistos como desiguais, o relacionamento toma a forma do favor, da clientela, da tutela ou da cooptação, e, quando a desigualdade é muito marcada, assume a forma da opressão. Há, assim, a naturalização das desigualdades econômicas e sociais, do mesmo modo que

11 O ano novo era contado a partir do início do ano de reinado do imperador.

12 Expressão derogatória usada para referir-se aos imigrantes japoneses.

13 De fato, de acordo com a Associação Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social), até os dias atuais há a comemoração do aniversário do Imperador do Japão na embaixada e nos consulados no Brasil. Esse fato demonstra o quão estreias ainda são as relações Brasil-Japão.

há naturalização das diferenças étnicas (consideradas desigualdades raciais entre superiores e inferiores), religiosas e de gênero, bem como naturalização de todas as formas visíveis e invisíveis de violência. (2013)

Assim, havia uma naturalização na sociedade brasileira para oprimir e discriminar os japoneses, ofendendo suas tradições, reprimindo sua língua e cultura, e abusando física e socialmente desses imigrantes.

O texto de Morais continua com a imagem de um lavrador avistando a bandeira Japonesa, a *Hinomaru*, estendida em um mastro. Hastear uma bandeira japonesa, italiana ou alemã era considerado crime contra a nação brasileira até no período após o pós-guerra. Esses japoneses foram denunciados à polícia que chega reprimindo violentamente a reunião que estava acontecendo:

Conhecido na colônia pela truculência com que tratava os japoneses, [o policial] Edmundo já chegou dando voz de prisão a quem via pela frente. Enquanto gritava e distribuía tapas nos atônitos convivas de *Koketsu*, deu ordens para que fosse apreendido tudo o que pudesse ser considerado “prova do crime”: cadernos infantis escritos em japonês, livros escolares e até pequenos oratórios xintoístas. O cabo reservou para si a honra de capturar o troféu da expedição: a bandeira japonesa. (Morais 11)

Nota-se que a maneira como são reprimidos configura-os como inferiores ao policial. Também, percebemos que o policial Edmundo já era conhecido pela agressividade que usava contra os japoneses. É necessário perceber que o cabo agia dessa maneira pois ele era autorizado pelas leis governamentais a destratar quem cometesse alguma “ilegalidade” contra as imposições de imigração. Deste modo observamos como a sociedade se organizava para limitar a colônia, uma vez que livros infantis, escolares e até mesmo oratórios escritos em japonês, eram considerados crime contra a nação brasileira.

Exemplifico assim como a colônia era considerada uma ameaça ao governo brasileiro: qualquer ação que proviesse desse grupo, deveria ser contida, violentamente. A opressão, segundo Cudd, já é por si própria uma forma de violência. Neste caso, adicionamos atos de agressão contra o grupo: “O cabo tirou da cintura o cassetete de madeira e aplicou no japonês um violento golpe em cada ombro. Contorcendo-se no chão, *Koketsu* ouviu o policial mostrar, aos berros, que não estava ali para brincadeira” (Morais 12). As ações da sociedade brasileira contra os japoneses eram violentas não só sócio e moralmente como também fisicamente.

Mais a frente no romance, vemos que esse grupo de japoneses se organiza para lutar contra o cabo Edmundo que desonrou a bandeira japonesa. A

afronta maior contra o grupo foi o policial ter sujado a bandeira com suas botas: “A bandeira é sagrada, é? Pois olha aqui o que eu faço com a sua bandeira, seu bode fedorento: limpo merda de vaca da minha bota!” (Morais 12)

Ao desonrar um dos maiores símbolos de representação do Japão, Edmundo dá início a uma série de eventos nos quais os japoneses vão lutar contra as repressões que sofreram externa e internamente.

Para lavarem essa desonra, era preciso derramar sangue. O código de honra formador da sociedade japonesa baseava-se em preceitos do bushido,¹⁴ o código de honra samurai. Desta maneira, destratar a nação é ferir e violentar a honra pessoal desses sujeitos, o que acarreta uma necessidade de vingança, ou a ideia de “lavar a honra”, que era praticada pelos samurais. Assim, se junta o grupo dos “7 samurais de Tupã” (Morais 15) para buscar justiça contra os crimes cometidos contra a bandeira. Ao chegarem na delegacia, pediram: “Só viemos aqui para matar o cabo Edmundo, que limpou as botas com a bandeira japonesa” (Morais 20). Note-se que em sua fala, o uso de “só” enquadra seu pedido como uma solicitação simples. Entretanto, os brasileiros não entendiam como funcionava a lógica japonesa, e consideravam seu pedido uma insanidade: “O oficial mandou o japonês calar a boca e anunciou que eles seriam desarmados ali mesmo e levados para o xadrez” (Morais 20). É importante ressaltar que o personagem que faz a solicitação é o único que consegue se comunicar razoavelmente em português. Os outros, embora estando há muito tempo no Brasil, não falavam outra língua que não fosse o japonês. A partir deste ponto, observaremos como ocorre o redirecionamento da violência externa para um círculo interno, infligindo medo na colônia japonesa para que esta não se abra à sociedade brasileira.

Sem conseguir se comunicar com os sete, os policiais precisaram chamar um tradutor: “Colocados nas celas e chamados um a um para depor, os japoneses deram com a presença do contador Jorge Okazaki, de novo colaborando com o delegado como intérprete ad hoc. Nenhum deles abriu o bico. Todos sustentaram que estavam na cidade não para cometer algum crime, apenas para matar Edmundo e lavar com o sangue do cabo o ultraje à bandeira do Japão” (Morais 21). Okazaki era um personagem que colaborou com os policiais violentos no esclarecimento do episódio da bandeira em Tupã, ele “podia ser visto como um perfeito ocidental. Cristão, apaixonado pelo Brasil, ele nunca escondera o desprezo que sentia pelos militantes da Shindo-Renmei e por suas ideias exóticas... Além de ter o perfil típico de um makegumi,¹⁵ a colaboração

14 Segundo o portal Japão em Foco, o bushido, ou O Caminho do Guerreiro, era uma espécie de código de conduta usado pelos samurais. Assim, o guerreiro tinha o dever de segui-las a todo custo, não só no campo de batalha, mas como também na vida: “A vida de alguém é limitada, porém a honra e o respeito duram para sempre” (s.p.).

15 Derrotista que acreditava na derrota do Japão.

escancarada de Okazaki com a polícia o convertera no inimigo número um da Shindo na cidade” (Morais 270). Essa descrição parte do ponto de vista dos “fanáticos” da Shindo.

Por ser um cidadão assimilado aos costumes, à língua e ao sistema de leis brasileiros o Jorge Okazaki transitava por entre os dois meios: Japão e Brasil. Entretanto, ao ser colocado em favor do Brasil como tradutor, foi identificado como traidor da pátria e “coração sujo”: “Foram dois outros fatos, porém, que despertaram o ódio dos japoneses: a humilhação de ver o policial limpar as botas com a bandeira, e a inexplicável presença de um compatriota, Jorge Okazaki colaborando com a polícia” (Morais 14). Nessa dialética, podemos perceber os dois lados da moeda. Temos a sociedade brasileira violentando a comunidade japonesa, e a colônia agindo contra os assimilados ao Brasil. Ao mesmo tempo que os japoneses eram reprimidos por fora, eles oprimiam os indivíduos que se envolvessem com o Brasil. É importante ressaltar que esses fatos se passam já nos anos 1940, sendo que o início da imigração data dos anos 1900. Assim, temos pelo menos quarenta anos de isolamento deste grupo.

Entretanto, ser tachado de traidor não era suficiente, aquele visto como traidor deveria lavar a honra da comunidade com sangue, como os samurais faziam:

Quando saía para o trabalho na manhã do dia 3, no entanto, Jorge Okazaki empalideceu ao colocar os pés na rua. Durante a noite tinha sido pintada na fachada de sua casa, em enormes caracteres japoneses, a inscrição ameaçadora: “Traidor da Pátria”. Um papel colocado sob a porta de entrada era mais enigmático, e dizia apenas: “Lave sua garganta!” Mas Okazaki sabia o que aquilo significava. “Lavar a garganta” era uma expressão usada por japoneses militaristas antes de uma execução: para evitar que a pele “suja” de um traidor contaminasse o aço da catana, a espada ritual dos samurais, o carrasco sugeria que o condenado lavasse a garganta antes de morrer. (Morais 14)

Deste modo, nota-se que o relacionamento interno do grupo era perpetrado por violências e opressões sistemáticas e hierárquicas¹⁶ como descritas por Cudd e Žižek (2014), A lógica baseava-se em um binarismo: ou o sujeito era japonês e vivia como tal, falando japonês e sendo leal aos costumes, ou ele era

16 É importante ressaltar, também, que essas discriminações não aconteciam somente com a colônia japonesa, mas com todos os outros imigrantes que não eram considerados brancos. O policial Edmundo afirma ao grupo de samurais após eles serem liberados da delegacia: “Vocês dizem que o Brasil não é democrático? No Japão vocês já teriam entrado na faca. Aqui, vocês amarelos, são hóspedes de um país de brancos, tentam matar um mulato e agora estão sendo defendidos por um preto. Depois ainda dizem que são discriminados...” (Morais 23). Entretanto, os imigrantes japoneses se fecharam de tal maneira a não se abrirem para o Brasil por tanto tempo.

um assimilado traidor. A colônia fundamentava-se na ideia de “nós vs. eles”, e qualquer um que se envolvesse com “eles” não faria mais parte do “nós”.

Esta forma de violência fez com que vários indivíduos não se envolvessem com a sociedade brasileira por medo de serem rechaçados de seu grupo. A tática de se criar medo na colônia condiz com as afirmações de Rinaldi: “The Shindo had to become a group in order to combat an internal difficulty of not having a point of reference trying to relive the customs and values that gave credence that would make sense of their mindset” (120). Por meio da propagação do medo (das consequências do envolvimento com a sociedade brasileira), a Shindo-Renmei estrutura a colônia japonesa a permanecer fechada e “unida” contra o Brasil, enclausurada no seu interior. Deste modo, por sofrerem um sistema de violências externas e internas, a comunidade imigrante japonesa permaneceu reclusa dentro de sua própria cultura por um período de tempo mais longo.

Conclusão

Para concluir, volto a enfatizar a abertura tardia da colônia japonesa no Brasil. Ressalto como razão os esforços e violências externas e internas a esse grupo. Ao chegarem no Brasil, no início dos anos 1900, a ideia era juntar dinheiro e voltar ao Japão. Sem a necessidade de se assimilarem e com o intuito de preservarem sua cultura e identidade os japoneses se fecham em comunidades de contato restrito com o Brasil. Entretanto, de uma perspectiva externa ao grupo, eles foram considerados como imigrantes indesejados, pois não sendo europeus nem “brancos”, não contribuiriam para o ideal de branqueamento da nação. Deste modo, estavam na base da escala de exclusão: não eram brancos, não aceitaram as condições de trabalho de semiescravidão, não desejavam se assimilar à sociedade brasileira e não falavam português. Perseguiam ainda o sonho de retornar à pátria nipônica e sentiam medo de serem “violentados” mais uma vez pela sociedade brasileira.

Somando os fatos, o episódio analisado retrata um grupo que não quer se agregar aos “gaijins”, e uma sociedade que não está adepta a receber esses novos imigrantes, uma vez que eles eram considerados indesejados. Ademais, como nos conta Fernando Moraes, esse mesmo grupo de imigrantes está sendo rechaçado pela sociedade brasileira e refletindo essa violência para dentro de si mesmo, contra seus indivíduos assimilados. O medo gerado por essas formas de violência e opressão resulta na abertura tardia da colônia japonesa para a sociedade brasileira que, também, não se encontra nem disposta, nem preparada para integrar esses imigrantes ao seu corpo social. O envolvimento mais ativo desse grupo nikkei na sociedade brasileira ainda é recente. Devido a opressões de mão dupla, a integração deste grupo ainda continua a se desenvolver de forma cautelosa marcada por traumas externos e internos.

Obras citadas

- Benjamin, Walter. “Para uma crítica da violência”. 1977. *Escritos sobre mitos e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2011. 121-56. Impresso.
- Chauí, Marilena. “Contra a violência”. *Representação, política e enfrentamento ao racismo*, III CONAPIR, 10 abril 2013, Salvador (BA). Palestrante Convidada.
- Cudd, Ann E. “How to Explain Oppression: Criteria of Adequacy for Normative Explanatory Theories”. *Philosophy of the Social Sciences* 35.1 (2005): 20-49. Impresso.
- Corações sujos*. Dir. Vicente Amorin. Globo Filmes, 2011. Filme.
- Haag, Carlos. “Os indesejáveis: política imigratória do Estado Novo escondia projeto de branqueamento”. *Pesquisa Fapesp* 201 (2012): 80-83. Impresso.
- Handa, Tomoo. *Inmin no Seikatsu no Rekishi*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1970. Impresso.
- Lesser, Jeffrey. *A Discontented Diaspora: Japanese Brazilians and the Meanings of Ethnic Militancy, 1960–1980*. Durham, NC: Duke UP, 2007. Impresso.
- Masterson, Daniel e Sayaka Funada-Classen. *The Japanese in Latin America*. Champaign, IL: U of Illinois P, 2004. Impresso.
- Morais, Fernando. *Corações sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Impresso.
- Nikkeypedia: A enciclopédia da comunidade Nikkey*. Web. 12 dez. 2016.
- “Os sete princípios do Bushido”. *Japão em foco*. Web. 12 ago 2013.
- “Parabéns ao imperador”. *Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social BUNKYO*. Web. 13 nov. 2017.
- Rinaldi, Teresa. “Dirty Hearts: Japanese Resistance in Brazil.” *Japanese Studies Association Journal* 13 (2015): 116-31. Impresso.
- Rocha, Cristina. *Zen in Brazil: The Quest for Cosmopolitan Modernity*. Honolulu: U of Hawai'i P, 2006. Impresso.
- Simões Martinez, Esmeralda. (2010). “Legislação portuguesa para o Ultramar.” *Conflicto social y sistemas jurídicos consuetudinários*. Lisboa: Centro de Estudos Africanos. 1-19. Impresso.
- Thiong'o, Ngugi Wa. *Decolonizing the Mind: The Politics of Language in African Literature*. London: James Currey Ltd, 1992. Impresso.
- Žižek, Slavoj. “Introdução: o manto sangrento do tirano.” *Violência*. 2008. Trad. Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014. 17-21. Impresso.